

EDUCOMUNICAÇÃO E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA: QUILOMBO MATA CAVALO ECOA TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA¹

Educommunication and climatic emergency: Quilombo Mata Cavalo echoes tradition and resistance

Educomunicación y emergencia climática: Quilombo Mata Cavalo hace eco tradición y resistencia

Thiago Cury Luiz²
Michèle Sato³

Resumo: Este trabalho, que integra a Rede Internacional de Pesquisadores em Educação Ambiental e Justiça Climática, expõe vozes e ritmos do Quilombo Mata Cavalo. A metodologia é guiada pela Cartografia do Imaginário, nas tessituras da fenomenologia de Gaston Bachelard. Em cinco áudios, a história de tradições e resistência foi entoada. Acreditamos, assim, que a Educomunicação comunica a emergência climática, contribuindo nas audiências das vozes e das manifestações de resistência do povo quilombola.

Palavras-chave: Emergência Climática. Resistência. Educomunicação ambiental. Quilombo Mata Cavalo.

Abstract: This work, which is part of the International Network of Researchers in Environmental Education and Climate Justice, exposes the voices and rhythms of Quilombo Mata Cavalo. The methodology is guided by the Cartography of the Imaginary, in the weavings of Gaston Bachelard's phenomenology. In five audios, the history of traditions and resistance was intoned. We believe, therefore, that the Edu-communication communicates the climate emergency, contributing to the hearings of the voices and manifestations of resistance of the Quilombola people.

Keywords: Climate Emergency. Resistance. Environmental Edu-communication. Quilombo Mata Cavalo.

Resumen: Este trabajo, que forma parte de la Red Internacional de Investigadores en Justicia Climática y Educación Ambiental, expone voces y ritmos del Quilombo Mata Cavalo. La metodología está guiada por la Cartografía de lo Imaginario, en los tejidos de la fenomenología de Gaston Bachelard. En cinco audios, la historia de las tradiciones y la resistencia estaba entonada. Se concluye que la Educomunicación comunica la emergencia climática y las manifestaciones de resistencia del pueblo quilombola.

Palabras-clave: Emergencia Climática. Resistencia. Tradición. Educomunicación Ambiental. Quilombo Mata Cavalo.

¹ Este artigo é parte da tese de Doutorado, defendida em novembro de 2019, intitulada "Fenomenologia transmidiática: cartografando o clima em Mata Cavalo". A proposta contou com a participação de dez estudantes dos ensinos fundamental e médio da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda, que construíram uma narrativa transmídia por meio de registros em textos, áudios, fotos e vídeos sobre os quatro elementos bachelardianos (água, terra, fogo e ar) e de que forma dialogam com as questões climáticas e históricas do quilombo.

² Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCOM/UFMT), Cuiabá, MT, Brasil. thiago.luiz@ufmt.br | <https://orcid.org/0000-0003-1196-8124>.

³ Doutora em Ciências. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT), Cuiabá, MT, Brasil. michelesato@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-9834-4642>.

1. Testando o som: para começo de conversa

Ao longo da história, as oscilações climáticas sempre alternaram períodos de temperaturas mais baixas e épocas com índices mais elevados. No entanto, com a revolução industrial, essas variações não apenas destoaram das mensurações regulares, como também passaram a vigorar em escala global. Em outros termos, a emissão de gases de efeito estufa (GEEs) proveniente da industrialização gerou na atmosfera uma lâmina que bloqueia parte do calor que deveria sair da Terra, ocasionando o aquecimento da superfície terrestre, compreendidos aqui os continentes e oceanos.

Em face ao contexto de emergência climática que assola o planeta, discutimos o conceito de justiça climática. As mudanças no clima causadas pela ação humana na natureza incidem em toda a humanidade, porém os efeitos mais drásticos recaem sobre as populações em situação de vulnerabilidade, quais sejam: mulheres, negros, indígenas, migrantes, favelados, pantaneiros, ribeirinhos e quilombolas, entre outros grupos economicamente desfavorecidos.

Nesse sentido, o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) e o Quilombo Mata Cavalo realizaram processos formativos dos quais participaram moradores da comunidade, professores e estudantes da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda, situada no território quilombola⁴. As atividades integraram a Rede Internacional de Pesquisadores em Educação Ambiental e Justiça Climática (Reaja)⁵.

⁴ A comunidade se localiza na zona rural do município de Nossa Senhora do Livramento, cidade a 50 quilômetros da capital de Mato Grosso, Cuiabá.

⁵ A proposta contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat) entre 2016 e 2022.

Assim, no âmbito da educação popular e da educomunicação socioambiental, os estudantes registraram em áudio entrevistas, música e sons da natureza que, de alguma forma, esclarecem a situação climática do quilombo e demonstram as manifestações de resistência do povo quilombola.

Sob a luz da fenomenologia de Gaston Bachelard (2001; 2008; 2013) e da Cartografia do Imaginário de Michèle Sato (2011) como fundamentos metodológicos, compreendemos as interlocuções entre epistemologia e empiria, sem abrimos mão dos afetos. Em momento posterior à produção, os participantes foram entrevistados para que pudéssemos compreender como se deu a experiência de produzir o conteúdo midiático e como perceberam a comunidade em seus aspectos naturais.

Em linhas gerais, o artigo em tela se compromete a fazer, já na sequência, uma discussão teórica sobre os principais conceitos que permeiam a pesquisa. Após, traz uma reflexão sobre as bases metodológicas do estudo. Por fim, faremos a apresentação e a discussão dos resultados do trabalho em Mata Cavalo, delimitando algumas considerações sobre a travessia e sugerindo outros caminhos.

2. Demarcando epistemologias: o que entoam as teorias

Em dois mil anos de história, pela primeira vez a elevação das temperaturas se dá em escala global. O intervalo mais quente dos últimos dois milênios ocorreu no século XX, em mais de 98% da Terra. Antes, aconteceram períodos climáticos extremos, como a Pequena Era do Gelo, porém não identificados globalmente, conforme Neukom et al (2019). Em dinâmica

natural, o planeta não foi capaz de produzir aquecimento em amplitude global. Isso só foi possível pela ação humana.

Segundo dados do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) (2019), as áreas continentais apresentam maior aumento de temperatura na comparação com a média de todo o planeta. Enquanto nos continentes a elevação chega a 1,5°C, a superfície (continente + oceano) apresenta acréscimo de 1°C. Isso significa que a meta estabelecida pelo próprio IPCC – de elevação de 1,5°C até 2100 – já desponta como inviável, caso a absorção de carbono não seja eficaz. A base de referência é o período entre 1850-1900, tempo em que níveis de temperatura se assemelhavam aos do período pré-industrial.

Embora o colapso climático faz recair seus tentáculos sobre a totalidade do tecido social planetário, as consequências mais incisivas atingem as populações em situação de vulnerabilidade, como quilombolas, pois dispõem de recursos mais limitados no enfrentamento e mitigação desta emergência. Ao cenário desigual que tangencia os diferentes grupos, dá-se o nome de justiça climática. “Pesquisas recentes no Brasil mostram como as populações de mais baixa renda são as mais ambientalmente desprotegidas” (ACSELRAD, 2009, p. 72).

Não por outro motivo, o GPEA escolheu o quilombo Mata Cavalo, com uma história de mais de uma década em trabalhos conjuntos, para um ciclo de formações. Situados na ambiência da educação popular de Paulo Freire (2013; 2014), os processos formativos foram distribuídos ao longo de quatro meses, propondo uma discussão sobre os quatro elementos da natureza (água, terra, fogo e ar) e como eles são compreendidos na realidade do quilombo em tempos de crise climática.

Educador e educando, mutuamente, ensinam um ao outro, cientes de que “a educação autêntica (...) não é de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2014, p. 116), tomando ainda que “a existência dos homens se dá no mundo que eles recriam e transformam incessantemente” (FREIRE, 2014, p. 124).

Compreendendo que a Educomunicação Socioambiental catalisa as proposições freireanas da educação não formal, os estudantes dos ensinos fundamental e médio da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda captaram em arquivos de áudio algumas das manifestações históricas, culturais e climáticas do quilombo. Conforme Soares (2014, p. 17), em definição que dialoga com a proposta empreendida nesta pesquisa, educomunicação é “uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar”.

Para tanto, uma das formações reservou-se à apresentação dos recursos de gravação sonora e técnicas de entrevista, convergida à reflexão sobre os sons quilombolas que delimitam as suas tradições. Esta etapa da troca de saberes entre GPEA e Mata Cavalo, iluminada pela fenomenologia de Gaston Bachelard (2001; 2008; 2013) e a Cartografia do Imaginário de Michèle Sato (2011), é objeto da nossa atenção a seguir.

3. As ondas da travessia: o fenômeno das cartografias

O percurso que caracterizou a nossa pesquisa foi regido pela fenomenologia de Gaston Bachelard (2001; 2008; 2013). O autor francês lança mão dos quatro elementos da natureza –

água, terra, fogo e ar – para conduzir a sua reflexão sobre o imaginário, simulando em metáforas o caminho que a nossa inteligência perfaz na busca pelo conhecimento.

Imersa nesta lógica, Sato (2011) desenha a Cartografia do Imaginário. As idas e vindas da nossa esfera imaginativa, que se movimenta em antagonismos, são trazidas pela autora em contexto metodológico. A prerrogativa é que da concepção da ideia até o desfecho da investigação científica os caminhos são diversos e possíveis, e por este motivo de maior estima.

Tendo, portanto, a fenomenologia de Gaston Bachelard (2001; 2008; 2013) e a Cartografia do Imaginário de Michèle Sato (2011) à disposição, o GPEA realizou, junto com a comunidade quilombola, oito formações, as quais nomeamos de cartografias. Elas contaram com a participação de moradores de Mata Cavalo e professores e estudantes da Escola Estadual Professora Tereza Conceição de Arruda.

Ao todo, foram seis cartografias sobre o clima, discutindo a conjuntura atual e o paralelo com a filosofia bachelardiana, e duas sobre produção midiática, já no âmbito da Educomunicação, que foram destinadas exclusivamente aos estudantes. Cada uma delas versou, de duas em duas mídias, sobre produções em foto, vídeo, texto e áudio, sendo esta mídia a que merecerá dedicação neste artigo.

Depois de apresentar aos participantes da cartografia os principais recursos do gravador de voz e as técnicas de entrevista, os estudantes registraram depoimentos de uma moradora e uma professora, além de sons da natureza (água e animais) e uma música cantada e tocada por professores e habitantes de Mata Cavalo.

Posteriormente às dinâmicas das cartografias e à organização do material midiático produzido, nós entrevistamos os participantes da pesquisa⁶. O objetivo foi compreender de que maneira a produção da narrativa transmídia se inseriu no contexto do quilombo e da escola e a sua interface com conjuntura de emergência climática.

4. Ecos quilombolas: vozes e cantos de resistência

Os barulhos, gerados por pessoas, animais ou objetos, impulsionam a nossa imaginação a criar o desenho do cenário que não temos à vista. Com isso, conforme Bachelard (2001, p. 3), “pela imaginação abandonamos o curso ordinário das coisas. Perceber e imaginar são tão antiéticos quanto presença e ausência. Imaginar é ausentar-se é lançar-se a uma vida nova”.

Esses dias eu estava vendo lá na fazenda do meu padraço... Parei para pensar no quintal dele e fechei os olhos e deixei escutar: você escuta a brisa, as árvores mexendo, passarinhos e outros animais cantando. Então senti como se eu voasse.

(depoimento concedido por Cartola)

Cartola voou. Não evidentemente o voo dos pássaros que ele ouvia na fazenda. Enquanto estive de olhos fechados, as asas abriram rumo ao céu que “não tem margem porque a ascensão não tem obstáculo” (BACHELARD, 2001, p. 46). A imaginação é isso: tira-nos das

⁶ Em respeito ao sigilo imposto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), os participantes estão identificados com nomes fictícios: Cartola, Ivone, Elza, Pixinguinha, Jovelina, Clementina e Baden. Eles remetem a alguns dos mais importantes artistas negros do samba, cujas raízes africanas esta proposta poética de investigação científica homenageia

obviedades, do tédio que acompanha o racionalismo da vida, e nos coloca diante de uma nova forma de ver o mundo.

Concorda Bachelard (2001, p. 45) com o garoto, quando questiona: “um sonho que não muda as dimensões do mundo será realmente um sonho?”. Outra vez mais em acordo, ao afirmar ainda que “a maneira pela qual escapamos do real designa claramente a nossa realidade íntima. Um ser privado da *função do irreal* é um neurótico, tanto como o ser privado da *função do real*” (BACHELARD, 2001, p. 7 – grifos do autor).

Pelo devaneio, o estudante cristalizou em si uma certa concepção da vida que a educação formal e mesmo a iletrada não foram capazes de dar, uma vez que é impossível à cultura letrada e às tradições darem conta da totalidade do que é cognoscível. É como se as descobertas do mundo estivessem em cada canto dele, e as nossas travessias nos possibilitassem chegar a esses focos epistemológicos. Em suma, o salto onírico arranhou na existência do jovem um punhado de conhecimento.

Nunca, num sonho dinâmico, um pássaro golpeado pela morte cai verticalmente do céu, pois nunca um voo onírico acaba por uma queda vertical. O voo onírico é um fenômeno da *felicidade dormente*, desprovido de tragédia. Só voamos em sonho quando somos felizes (BACHELARD, 2001, p. 70 – grifos do autor).

É muito provável que Cartola tenha voado outras vezes. É assim que nos comportamos quando ouvimos alguém contar uma história. Se ela se refere a pessoas e lugares que

desconhecemos, os voos são ainda mais altos e longos, pois tentamos captar em imagens o que só detemos em sons.

Ao ouvir o conto a seguir, qualquer um de nós viajaria de igual modo, embora em itinerários, percursos e destinos bem distintos. A entrevista⁷ que Cartola faz com a avó, sobre o pássaro que distingue as incidências do clima, dimensiona a conexão do saber tradicional com a natureza e suas intermitências. Ao acessar o link indicado em rodapé, é possível ouvir o som ambiente e, em especial, o jeito de falar da senhora repleta de histórias, do sotaque marcante do quilombo. “(...) A oralidade é a fala de uma outra cultura que está viva hoje não só no mundo rural, mas também no mundo urbano popular” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 95).

Nós desconhecíamos a existência de um pássaro (mencionado no áudio) que está em sintonia com as variações do tempo, tampouco que o mesmo anuncia a morte. O saber que Dona Lúcia relatou ao neto é base de um intercâmbio que a Educação Ambiental está habituada a fazer, e os integrantes do GPEA, com a imersão no Grupo Pesquisador, banham-se nessa vocação.

É neste contexto que se dá a educomunicação e foi com essa concepção que interagimos a nossa subjetividade com as subjetividades do quilombo, sempre no anseio de respeitar o que com elas aprendemos. O ser-mais (FREIRE, 2014) esteve em voga em Mata Cavalo nas formações que lá fizemos e recebemos, pois se a educomunicação socioambiental busca o favorecimento e a otimização da organização social (SOARES, 2014), é papel dela respeitar e

⁷ A narrativa está disponível em <https://anchor.fm/thiago-cury-luiz/episodes/Pssaro-que-anuncia-o-tempo-depoimento-e4s6vp>, mais especificamente o arquivo de som que contém a entrevista completa (conteúdo também disponibilizado no [Spotify](#)).

favorecer “a autonomia das identidades individuais e coletivas, no contexto das comunidades tradicionais e indígenas” (SOARES, 2014 p. 79).

Compreendemos que a busca de Cartola pelo relato da avó foi uma maneira encontrada de levar uma narrativa do quilombo adiante, uma vez que se orgulha dela. Os contos ancestrais, o jeito de falar e a sabedoria do povo que vive em imanência com a natureza demonstram que à margem da educação formal e dos currículos escolares há muito o que aprender com os ensinamentos de quem educa sem notar.

Um traço importante do quilombo e na sua resistência é a música. As tradições africanas legaram ao Brasil ritmos e sons que fazem da nossa cultura musical o que ela é. As batidas dos tambores e atabaques dão o caráter percussivo de alguns dos estilos mais apreciados no país. O canto⁸ dos descendentes de pessoas que foram escravizadas marca a posição dos quilombolas diante da luta e o destemor em tempos de crise climática.

Se o ritmo invocou a capoeira – expressão artística tipicamente africana –, a letra retratou as lutas e vitórias da comunidade de Mata Cavalo, em clara menção feita [i] à resistência herdada dos seus antepassados; [ii] às “festanças” dos quilombolas, outra herança do povo africano, repleto em sua cultura de gingado, voz e alegria; e [iii] às mulheres e suas cacimbas cheias d’água no translado do rio para o uso doméstico. A canção, no ritmo da capoeira, é encerrada com um pedido de respeito pela história da comunidade, cuja geração que canta foi

⁸ A narrativa está disponível em <https://anchor.fm/thiago-cury-luiz/episodes/Cano-do-orgulho-quilombola-e4s6ih>, mais especificamente o arquivo de som que contém a música completa (conteúdo também disponibilizado no [Spotify](#)).

princiada por seu Antônio Mulato, falecido em 15 de setembro de 2018, durante o caminhar da nossa pesquisa.

De início, foi meio complicado [entender quais os desdobramentos das produções midiáticas]. A gente pensou: “Como o mundo vai ver?”. Vendo mais abertamente, a gente consegue entender o quanto é importante, tanto para o futuro como para o passado do quilombo, porque estamos repassando a nossa história para as pessoas de fora que não conheciam. Isso pode até ajudar a gente na questão fundiária do quilombo, de regularização das terras. Esse projeto veio em uma ótima hora porque ainda tem muita demanda, muito debate, muita coisa na justiça para ser resolvido. Eu acho que mostrando para o mundo lá fora e mostrando para o governo, pode trazer benefícios para a gente, acelerar esse processo. Eles podem ver a importância do quilombo, da nossa história, da nossa trajetória de vida.

(depoimento concedido por Ivone)

O áudio gravado demonstra a preocupação do povo quilombola em relação à crise climática, a necessidade de respeito e o recado de resistência. O elemento água e a condição de calor (fogo) aparecem na canção, subentendendo zelo por um bem importante em comunidades tradicionais, mas, ao mesmo tempo, a angústia de vê-lo em pouca quantidade. As queimadas, os desmatamentos na região, as atividades garimpeiras, tudo isso prejudica o abastecimento de água no quilombo, antes tendo nos rios do território a sua principal fonte de fornecimento.

Pela narrativa de Ivone, fica caracterizado o quão pouco ecoa a resistência de Mata Cavalo, a depender dos veículos comunicacionais existentes. A vantagem também da

educação popular é que na troca de saberes e no trabalho colaborativo foi possível criar uma narrativa que conseguisse expor aquilo que o jornalismo tradicional ignora.

Compreendemos também, ao ouvir a canção, que a música carrega consigo um manifesto de defesa do território em que vivem, da terra de onde retiram seu sustento. É como se o canto fosse uma bandeira em forma de som, que anuncia a disposição da comunidade de garantir o que é seu por direito.

De todos os elementos bachelardianos, a matéria é a que congrega o significado de resistência, e inferimos que nela está calcada a luta dos quilombolas, segundo os registros e depoimentos dos participantes da pesquisa. “É por isso que a matéria dura nos irá ser revelada como uma grande educadora da vontade humana, como a reguladora da dinamogenia do trabalho, no próprio sentido da virilização” (BACHELARD, 2013, p. 36).

Comungando com essa perspectiva, a educomunicação se constitui em uma concepção de ensino-aprendizagem que permite às pessoas de uma localidade levarem para fora aquilo que lhes é caro. Contudo, também pode ter finalidades positivas dentro do próprio quilombo ou da escola, informando as pessoas sobre realidades diversas da comunidade e, no âmbito escolar, auxiliando os estudantes nas travessias sinuosas do conhecimento.

Pra mim, é importante [o uso do celular em sala]. Na aula de Matemática, eu uso bastante o áudio durante a explicação. Quando chego em casa, eu escuto. Quando a explicação está no quadro, eu tiro foto. Quando alguém falta, eu mando.

(depoimento concedido por Elza)

O áudio da música fez a nossa imaginação mergulhar em devaneios que nos conduziram às fotos da narrativa, que podem ser acessadas pelos links da narrativa transmídia situados nas notas de rodapé. Voltando ao som, outras produções em áudio dos estudantes foram relacionadas à natureza: aves, pássaros e insetos⁹, conteúdo produzido por Elza e Jovelina, e o som da água, gravado por Clementina.

Algumas considerações a fazer sobre os materiais produzidos, ainda que aparentem irrelevância: o nosso entendimento é de que uma maior convivência e proximidade com a natureza faz as pessoas serem uma extensão desta. Assim, registrar o som da água e dos bichos é como reiterar seus próprios sons, em orgulho ao local onde vivem.

5. Mata Cavalo orchestra a sua resistência

A nossa passagem pela comunidade quilombola de Mata Cavalo é uma partitura construída a muitas mãos. O GPEA compôs a dimensão conceitual e propositiva das cartografias, enquanto o quilombo entoou a sua história em dizeres e ritmos.

Por meio da fenomenologia bachelardiana (2001; 2008; 2013) e da cartografia do imaginário (SATO, 2011), conhecimento científico e saber popular convergiram as reflexões sobre a crise do clima e justiça climática e de que forma a educomunicação socioambiental pode se constituir em uma manifestação de resistência da comunidade.

⁹ A narrativa está disponível em <https://anchor.fm/thiago-cury-luiz/episodes/O-entoar-dos-bichos-e4s741>, mais especificamente o arquivo de som que contém o som dos bichos (conteúdo também disponibilizado no [Spotify](#)).

Pelos depoimentos dos estudantes, foi possível identificar o potencial que caracteriza a comunicação e, em particular, o manuseio dos dispositivos móveis, ainda que as condições socioeconômicas limitem a capacidade operacional dos equipamentos e da internet na ambiência do quilombo. Tanto no contexto da escola como no cotidiano de Mata Cavalo, os estudantes compreenderam que as novas tecnologias, atreladas à iniciativa dos jovens, podem beneficiá-los e levar adiante pautas muito caras à comunidade.

Portanto, entendemos que os áudios produzidos e os depoimentos dos estudantes que realizaram os registros demonstram que o colapso do clima já confere à comunidade alguns efeitos negativos. Ao mesmo tempo, claro está também que a resistência, um traço histórico da cultura de Mata Cavalo, dá o tom – e o som – do povo quilombola.

Para além da questão climática e dos vetores histórico-culturais, os embates fundiários se manifestaram nas falas e gravações aqui expostas, dado que a causa quilombola é negligenciada por governos conservadores e reacionários, além de ser antagonizada com violência pela lógica do latifúndio, como atesta a ação de despejo presenciada por nós.

A experiência transcorreu no âmbito da educação popular, transcendendo a rotina de sala de aula. Para muito além de uma educação bancária, outras alternativas podem ser ressignificadas nos processos de ensino-aprendizagem. Os diálogos entre comunicação e educação podem considerar outras mídias nas atividades curriculares ou além delas.

Inventar e reinventar, construir e reconstruir entre o caos e o equilíbrio, parece ser a dinâmica que pode criar outro “habitus” quilombola (BOURDIEU, 2001), já que a desigualdade

não corre somente pelo abismo econômico, mas também pelo capital cultural e pela dificuldade de acessar os bens simbólicos que podem promover a justiça social e ecológica.

REFERÊNCIAS

- Acselrad, H. (Setembro de 2009). Apropriações Sociais das Mudanças Climáticas. *Democracia Viva*, 70-73. <https://issuu.com/ibase/docs/democracia-viva-43>.
- Bachelard, G. (2001). *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento* (2 ed.). (A. d. Danesi, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Bachelard, G. (2008). *A psicanálise do fogo* (3 ed.). (P. Neves, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Bachelard, G. (2013). *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das coisas* (4 ed.). (M. E. Galvão, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- Bourdieu, Pierre. (2001). Sobre o poder simbólico. In: Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 7-16.
- Freire, P. (2013). *Extensão ou comunicação?* (16 ed.). (R. D. Oliveira, Trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2014). *Pedagogia do oprimido* (58 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Intergovernmental Panel on Climate Change. (Agosto de 2019). *Chapter 2: Land-Climate Interactions*. https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2019/08/2c.-Chapter-2_FINAL.pdf.
- Martín-Barbero, J. (2014). *A comunicação na educação*. (M. I. Melo, Trad.) São Paulo: Contexto.
- Neukom, R. (25 de Julho de 2019). No evidence for globally coherent warm and cold periods over the preindustrial Common Era. *Nature*, 571, 550-572. <https://doi.org/10.1038/s41586-019-1401-2>.
- Sato, M. (2011). *Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa*. In Abílio, F. J. P. Educação Ambiental para o Semiárido. João Pessoa: Editora UFPB.
- Soares, I. de O. (2014). *Educomunicação* (3 ed.). São Paulo: Paulinas.